

IDENTIDADE E MEMÓRIA: TRAJETOS DE FORMAÇÃO

IDENTITY AND MEMORY: TRAINING TRAJECTORY

Auvaneide Ferreira de Carvalho / Rede particular da Educação Básica de Paulista
Maria Betânia e Silva / UFPE

RESUMO

O foco deste trabalho está centrado em elementos experienciais de formação docente vivenciados em um espaço educativo não-formal que contribuíram para a identificação com o campo da arte e sua docência. O percurso metodológico seguido foi a pesquisa narrativa e nela utilizamos documentos que marcaram a trajetória pessoal de formação, memorial produzido, relatórios das ações desenvolvidas na instituição, fotografias e escritos que contribuíram para ativação das memórias. O estudo mostra uma (re)descoberta de si, a dilatação da reflexão sobre a própria história e o entendimento do fio condutor de formação pessoal e profissional.

PALAVRAS-CHAVE

Memórias; Narrativa; Formação docente; Artes Visuais.

ABSTRACT

The focus of this work is centered on experiential elements of teacher education that was experienced in non-formal educational space that contributed to identification with the field of art and its teaching. The methodological path followed was narrative research. We used documents that marked the personal trajectory of formation for example, produced memorial, reports of the actions developed in the institution, photographs and writings that contributed to the activation of the memories. The study shows a (re)discovery of itself, the expansion of reflection on its own history and understanding of the guiding thread of personal and professional training.

KEYWORDS

Memories; Narrative; Teacher Training; Visual Arts.

Esse texto traz reflexões sobre contribuições que os espaços não formais (GOHN, 2010; TRILLA, 2008) de ensino possibilitam desenvolver no percurso de formação e na construção do processo identitário. Especialmente, nos centramos na formação multifacetada de um/a arte/educador/a partindo de experiências vivenciadas com o ensino de Arte no NEIMFA¹, localizado na cidade do Recife.

A pesquisa narrativa foi o trajeto metodológico seguido. Dentro do campo da pesquisa qualitativa, ela abre possibilidades para revisitar as próprias histórias com o olhar crítico sobre os percursos de aprendizagem que auxiliaram no desenvolvimento de saberes sobre a docência. Esse tipo de pesquisa provoca inquietações na forma de compreender-se como sujeito no mundo e permite também captar elementos impulsionadores que alimentaram o desejo da docência em Arte como campo de atuação profissional. Compartilhamos com o pensamento de Castañeda; Morales (2017) ao afirmarem que:

Essas narrativas nos permitiram recuperar a experiência vivida como modos de recordar, construir, reconstruir sentido e significado em torno do nosso objeto de estudo (a construção de um campo da pedagogia; a construção da noção de ética; a construção da noção de corpo; o processo para se formar como docente ou estudante de alguma disciplina, entre outros) (CASTAÑEDA; MORALES, 2017, p. 91).

O texto tem como sujeito central a coautora desse trabalho e apresenta pontos da trajetória pessoal de vida e experiências de formação que possibilitaram a soma na aquisição de saberes que contribuíram para o exercício da docência.

Trajetória e experiências de formação

A investigação sobre a própria experiência possibilita a/o pesquisador/a compreender mais amplamente sua trajetória e potencializar o exercício do altruísmo buscando conhecer e refletir melhor sobre a experiência do outro. Para esta tarefa, de escuta sensível, é fundamental a/o pesquisador/a construir estreita relação de respeito à sua própria escuta e percepção de suas vivências e isso não é tarefa fácil. No entanto, é necessário! Inicialmente, o desejo de narrar, contar e partilhar seus processos de aprendizagem e expô-los requer um movimento de humildade e desprendimento de si na busca de contribuir para alargar a produção de conhecimento e entendimento de como se dá o processo formativo do sujeito como objeto de investigação.

Um dos aspectos a esta opção ocorre pela liberdade narrativa, na qual o sujeito pode apresentar suas significações sobre as experiências, no sentido da construção de um tratamento essencialmente relacional, e não meramente de coleta de informações. Assim,

a entrevista narrativa é, portanto, estruturada a partir de 'palavras autorizadas', onde o próprio sujeito organiza e narra sua própria experiência, sob a forma de um inventário do vivido. Neste sentido, há uma perspectiva de produção de uma hermenêutica de si, dos sujeitos que narram suas histórias (SOUZA; MEIRELES, 2017, p.136).

Esse princípio da narrativa corrobora com o contar, o reviver e o experienciar a si mesmo, em um trâmite interior que permite ao profissional tomar consciência de suas experiências e a construção de seus saberes (TARDIF, 2014).

Destacamos a pesquisa narrativa porque se apresenta como importante estratégia teórico-metodológica, pois torna possível comunicar alguns aspectos sobre os percursos da experiência formativa. Martins, Tourinho e Souza (2017) nos dizem que as narrativas compõem lugar privilegiado para a construção da subjetividade e atribui novos significados para a experiência.

Ao primar pela subjetividade a pesquisa narrativa abre a possibilidade para o uso do eu e do nós, pois pensar a trajetória de formação envolve o atravessamento das relações sociais, pessoais, históricas e culturais que englobam o individual e o coletivo. É nesse entendimento que esta narrativa está construída.

Diante disso, identidade é um ponto que persigo não somente durante a vida acadêmica, mas, em todo o percurso de existência, pois me faz lembrar, de episódios da adolescência onde renegava meu local de origem, a Comunidade do Coque. Quando alguém me perguntava "onde você mora?" respondia que morava em Afogados, Pina ou qualquer outro bairro, menos no Coque porque tinha medo de ser discriminada ou menosprezada.

Naquele lugar, o caminho de minha existência foi cercado da certeza de que, apesar dos limites impostos pela dura realidade, foi possível enfrentar os desafios e desfrutar a sensação da liberdade ao conseguir superá-los. No Coque conheci, intimamente, muitos limites, entre eles diferentes formas de manifestação, tais como: o prato vazio, a infância negada, a discriminação, as barreiras invisíveis.

Sou registrada sem o nome de pai. Isto durante minha infância, gerou muitos constrangimentos e uma baixa autoestima. Tinha dificuldade de autoaceitação e a falta de autoconhecimento era latente. Muito insegura, sempre fazia tudo que os meus amigos pediam. Não me sentia capaz de realizar as coisas. Minha mãe era um ser que não sabia ler, nem escrever que viveu como a maioria das mulheres: uma vida de violência doméstica e reproduzia esta violência nos filhos.

Nasci no bairro do Coque onde vivenciava diariamente cenas de violência. Por causa desta violência, o bairro é amplamente bombardeado pelos meios de comunicação, chegando a ser retratado em manchetes de jornais como "Coque: morada da morte". No imaginário recifense o nome "Coque" sempre remete a um lugar "perigoso", de "gente violenta".

A ideia de que, apesar de todos os avanços conquistados através de lutas que acompanham a história do bairro desde as suas origens, o Coque e tantas outras favelas permanecem como locais marginalizados e estigmatizados. A partir dessa constatação é que dentro do projeto *Coque Vive* surge o desejo de resgatar outras memórias desse bairro ainda visto como o mais violento da cidade (FERREIRA, 2011, p. 75).

A Comunidade do Coque faz divisão com alguns bairros do Recife tais como: Ilha do Retiro, Ilha do Leite, Cabanga, Coelhos, Afogados e São José tendo seu território geográfico cobiçado pelos grandes empresários imobiliários por estar centrado na Região Metropolitana do Recife. O Coque é o último colocado no ranking do Desenvolvimento Humano Recifeense. A população local sofre com graves problemas de saneamento, moradia, meio-ambiente, educação e saúde. A partir de índices sociais tão negativos, a escalada da violência vem crescendo, tornando-se o maior desafio para as instituições governamentais ou não-governamentais que lá atuam.

Tenho trazido comigo as marcas que fazem parte da minha construção de identidade como moradora de periferia, mulher, negra. Estas identidades só foram percebidas quando participei da instituição não governamental NEIMFA onde foi possível desenvolver um projeto de reconhecimento de si.

Candau (2012) nos ajuda a entender que a memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas. Sendo assim, a memória é um elemento essencial daquilo que passamos a chamar de identidade individual ou coletiva. Tecer essas memórias contribui para nos (re)conhecermos e ao mesmo tempo perceber que também somos sujeitos da história e não somente objeto dela, como nos dizia Paulo Freire (1996) em sua obra *Pedagogia da Autonomia*. Assim, investigar as influências de formação no trajeto histórico permite entender que a identidade não é um processo de construção individual. Pois, esse trajeto é atravessado pelas relações entre o social e o psicológico, situado em um contexto histórico e cultural. Nesse sentido, o uso do nós e do eu na narrativa construída está baseado nesse entendimento.

Se identidade, memória e patrimônio são três palavras-chave da consciência contemporânea, conforme nos diz Candau (2012), é a memória que vem fortalecer a identidade. Para o autor, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade. Portanto, o trabalho da memória atua na construção da identidade do sujeito. O autor nos diz que é o trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade.

Outro estudo que nos ajuda a refletir sobre identidade é o de Hall (2005). Há um entendimento de que o processo de construção identitária não é baseado numa concepção de identidade centrada, unificada. O autor nos apresenta a possibilidade de uma identidade móvel que está em relação com o outro.

Por sua vez, Tardif (2014) relata como os saberes experienciais vivenciados ao longo da vida, tanto acadêmica quanto pessoal, nos fornecem elementos para a construção identitária profissional mais ampla e nos possibilita entender a complexidade que envolve a prática docente, incluindo as histórias, as memórias, as trajetórias, expectativas e experiências singulares.

Revisitando as memórias identifico que minha experiência como arte/educadora foi, inicialmente, vivenciada nas ações de oficinas de arte da “Casa da Criatividade”² no NEIMFA que me possibilitou construir saberes docentes durante mais de dez anos. Foi nas oficinas ofertadas que desenvolvi meu interesse pelo ensino de Arte e a formação dos arte/educadores. As atividades me possibilitaram fazer parte da Escolinha de Arte do Recife, outro espaço não formal de ensino na cidade, onde atuo como professora desde 2011.

Por atuar nessas instituições, optei por fazer vestibular na área de Arte e ingressei no curso de graduação em Artes Visuais - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 2014, com o objetivo de acrescentar uma formação acadêmica, em relação ao ensino de Arte que já vinha desenvolvendo com crianças.

A formação dos arte/educadores/as é uma discussão que não se constitui uma temática recente no cenário brasileiro, pois é uma preocupação tanto para o campo estrito do ensino da Arte, quanto para o campo mais amplo da Educação.

Sendo assim, a formação de arte/educadores/as parece uma questão ampla e socialmente problematizada, uma temática que tem sido tratada, até certo ponto, com abundância pela literatura educacional e sob variados ângulos e critérios.

Ressaltamos também que o campo profissional docente em Arte passou e vem passando por uma série de mudanças na formação do/a arte/educador/a como relata o estudo de Silva (2015). As mudanças que foram se sucedendo nas concepções de formação do/a arte/educador/a, entre outros fatos, foram provocando um impacto nas diferentes compreensões de ensino de Arte. Mostrando que neste campo estamos vivendo, contemporaneamente, uma crise no processo identitário. Sabemos que a crise identitária se apresenta em vários campos da vida humana.

Contudo, é importante ressaltar que a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade. O jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos (CANDAUI, 2012).

Evidenciamos o ser humano como um sujeito atravessado por pluralidades, que vão interagir com outras pluralidades. Isso porque ninguém se forma no vazio, pois formar-se supõe trocas, experiências, interações, aprendizagens. Nesse sentido, “cada história é sempre única e singular” (FREITAS, 2011, p. 161). Falar de identidade é sempre falar de si. É falar das escolhas feitas, não feitas, desfeitas e refeitas.

No NEIMFA participei do projeto chamado Artesão da Cidadania que, mais tarde com um trabalho de construção de identidade da logomarca junto ao Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de Pernambuco SEBRAE – PE, criamos o nome “Cor do Coque”. Éramos um grupo, em sua maioria, composto por mulheres da comunidade, com o objetivo de criar produtos à base de papel artesanal. A renda era revertida para os participantes, criando uma rede de economia solidária possibilitando a participação em eventos, feiras, como a FENEARTE, e em locais como a UFPE, escolas públicas e particulares. Participar destes eventos possibilitou além de um incremento no meu sustento, uma construção de imagem positiva relacionada à ideia de ser capaz de obter renda e melhora nos estudos.

Além disso, o projeto Cor do Coque obteve uma grande visibilidade na mídia local. O que fez reverberar diretamente na autoimagem dos participantes, conseqüentemente, na minha, pois agora estávamos mostrando outras “cores” que o Coque tem que não é só a cor da violência, possibilitando descobrir-se como um ser plural.

Mediante esta descoberta de ser, fez brotar em mim um desejo de querer mais do que eu tinha, até então, em relação aos estudos, pois até o momento achava que só o Ensino Médio era o suficiente. E ver como o NEIMFA tratava a educação como algo grande, complexo e holístico me fez querer participar de outros projetos ali desenvolvidos. A convite de uma amiga que já participava do Programa de arte/educação “Casa da Criatividade” fui conhecer e comecei a frequentá-lo.

O Programa de arte/educação da casa da Criatividade

Carvalho (2005) em seu estudo deixa claro que o ensino de Arte nas instituições não formais está organizado na forma de oficinas artísticas e tem como principais os seguintes objetivos: ministrar conteúdos teóricos específicos das linguagens artísticas; aperfeiçoar as habilidades técnicas; levar os/as estudantes a conhecerem técnicas e materiais; promover a profissionalização e a inserção deles/as no mercado de trabalho; formar sujeitos que sejam autores da própria história; viabilizar o acesso aos bens culturais e simbólicos; desenvolver a autoestima e a expressão com liberdade.

O programa de arte/educação “Casa da Criatividade” possui duas frentes de atividades constantes: 1) Formação de arte/educadores/as para atuar em contexto de comunidade, dentro de uma perspectiva contemporânea da Arte/Educação e crítico-reflexiva da formação de professores/as. 2) Planejamento e execução de oficinas de arte tendo como eixo uma prática educativa de ensino de Arte dentro de uma orientação da arte/educação baseada em comunidade e nos princípios da interculturalidade e da interdisciplinaridade. As ações arte/educativas em parceria com os demais Núcleos de Ação do NEIMFA, têm possibilidade de atuação/cooperação em outras instituições formais e não formais da Comunidade.

Cada curso tinha uma duração média de um ano, com uma carga horária total de 80 horas, dividida em dois módulos. No módulo Intensivo, passamos um mês discutindo a temática central do curso. Já o módulo Continuado foi desenvolvido a partir de dois encontros mensais.

Na primeira frente de ação da Casa da Criatividade, os cursos de formação para arte/educadores/as se desenvolveram a partir das seguintes temáticas:

- 1º - O Ensino de Arte no Âmbito das ONGs (1º Semestre/2005);
- 2º - O Desenvolvimento da Expressão Artística da Criança (2º Semestre/2005);
- 3º - Teoria e Prática do Teatro/Educação (1º Semestre/2006);
- 4º - O Processo de Avaliação no Ensino de Arte: pressupostos, princípios, métodos e procedimentos (1º Semestre/2006);
- 5º - Arte/Educação Pós-Moderna: princípios e processos (2007);
- 6º - Arte/Educação Baseada em Comunidade: uma perspectiva intercultural (2008);
- 7º - Ensino de Arte, Educação e Direitos Humanos (2009);
- 8º - Ensino de Arte, Educação Inclusiva e Pós-Colonialismo (2010);
- 9º - Ensino de Arte e Experiência (2011);
- 10º - John Dewey, Experiência e o Ensino de Arte (2012).

A temática de cada curso era decidida coletivamente e cada curso tinha uma duração média de um ano, com uma carga horária total de 80 horas, dividida em dois módulos. No módulo Intensivo, passamos um mês discutindo a temática central e planejamos o desenvolvimento de ações compartilhadas, tal como o planejamento das oficinas de arte que seriam oferecidas à comunidade. Já o módulo Continuado foi desenvolvido a partir de dois encontros mensais. O primeiro encontro reservado para estudo e coletivização do saber, onde aprofundamos as temáticas iniciadas no módulo inicial ou discutimos temáticas emergentes. Neste mesmo encontro realizamos a socialização, monitoramento, reflexão e avaliação da prática pedagógica desenvolvida nas oficinas de Arte, na qual buscamos estabelecer uma relação crítica dos estudos que estamos realizando com os seus reflexos na prática das oficinas.

Outro ponto que considero fundamental neste tipo de formação, foi poder visitar lugares que para a maioria das pessoas oriundas de periferia como eu, não era permitido estar. No nosso imaginário estes não faziam parte de nossas vidas. Lugares como museus, galerias, feiras de Arte, exposições e teatro não era um lugar para nós. Tanto é que não me lembro no período de infância e adolescência minha família fazer qualquer programação nestes tipos

de espaços. Afirmo que existe uma barreira invisível que nos impede como periféricos de vivenciar culturalmente o que a cidade nos oferece.

Considero como dispositivos e práticas de ensino de Arte mais importantes que contribuíram para minha formação e meu processo de construção identitária, as experiências vivenciadas na “Casa da Criatividade”, pois lá eu aprendi os primeiros passos para elaborar as atividades docentes, como planejar e executar as oficinas de Arte. Entendendo que a ação do planejamento precisa ser flexível, o processo de aprendizagem também atravessa o saber lidar com os questionamentos do tipo: para quem estou planejando? Quais os conhecimentos prévios dos envolvidos na oficina? O que pretendemos alcançar com esta oficina, em quanto tempo? O que fazer e como fazer, quais recursos serão necessários para desenvolvê-la?

Aprendi a experienciar o processo de avaliação do ensino de Arte, pois, tinha o mito de que arte não se avalia. Esta compreensão de avaliação em Arte, só foi possível ao longo dos estudos vivenciados na formação do programa “Casa da Criatividade” percebendo que avaliação tem que ser um conjunto de ações que durante todo o processo da oficina vai permitir identificar as possibilidades de aprendizagens, diagnosticando eventuais problemáticas, ajustando as reais necessidades dos envolvidos nas oficinas para uma certificação construtiva do processo de aprendizagem.

Os encontros de formação no NEIMFA tinham para mim dois pontos que considero de fundamental importância. O primeiro posso dizer que era a ampliação do repertório cultural, pois nesses encontros de formação pude criar um acervo particular com materiais educativos de Arte composto por livros, catálogos, cartões de arte postal, convites, objetos educativos das exposições que visitávamos. Isso sempre contribuiu diante da necessidade de criar um projeto para oficinas de Arte no próprio NEIMFA, na Escolinha de Arte do Recife ou até mesmo em atividades do curso de Licenciatura em Artes Visuais, eu tinha onde buscar facilmente referências de artistas, de obras, de atividades, entre outras coisas. Estes encontros me permitiram estar conectada com as ações artísticas produzidas em Recife. Além disso, eles ainda promoviam a integração e a criação de vínculos entre todos os participantes do curso.

Observamos outro ponto, muito importante, que foi a participação em eventos acadêmicos no universo da arte/educação pela “Casa da Criatividade”. Mais do que me empoderar, por estar divulgando meus resultados de trabalho como arte educadora vivenciados nas oficinas, me possibilitou conhecer outros lugares como São Paulo, Minas Gerais, o Instituto Inhotim, Ceará, Goiás, Brasília, Manaus. Passei por estes locais através da participação nos eventos de arte/educação tais como CONFAEB e ANPAP. A participação nesses congressos, onde nem pensava um dia poder ir, reforçou minha autoimagem positiva.

Hall (2005) nos diz que o processo de identidade não é baseado numa concepção centrada, unificada, que emerge pela primeira vez quando nascemos e que permanecemos com a mesma identidade até a vida adulta. Ele enfatiza que o sujeito pós-moderno é produzido a

partir de uma relação com o outro e sua identidade é móvel, mutável. Portanto, assume identidades diferentes em diferentes momentos.

Ao ingressar na UFPE a temática da identidade continuou como foco de interesse desde o primeiro projeto na universidade. Foi, inicialmente, no componente curricular de Metodologia do Ensino das Artes Visuais 1, onde elaborei um projeto a/r/tográfico como trabalho final. Optei por fazer uma pesquisa buscando entender como elementos socioculturais contribuem para a produção de identidades, fazendo um diálogo com artistas como Alex Flemming e Frida Kahlo que trazem em suas obras um discurso sobre identidade e conflitos. Questionar este processo de construção identitária é possibilitar romper com barreiras invisíveis e ideológicas.

Os trabalhos finais dos/as estudantes, naquele componente curricular, foram organizados em uma exposição coletiva no Centro de Artes e Comunicação da UFPE. A seguir apresento a obra produzida no processo.



Figura 1 - Eu sou o Coque, o Coque sou eu!! (2015). Técnica: Colagem. Fonte: Acervo pessoal

Nos períodos seguintes, nos componentes curriculares Estágio Curricular em Ensino das Artes Visuais 1 e 2, desenvolvi outras experiências. No Estágio 1 realizei uma instalação artística, com autorretratos produzidos pelas crianças durante o período de regência, como reflexão crítica e performativa sobre a produção de identidade. Além de quebrar barreiras invisíveis, a experiência possibilitou a criação de um diálogo que favorecesse a emancipação dos envolvidos.



Figura 2 - Instalação Estamos à Mesa (2016). Técnica: Pintura. Fonte: Acervo pessoal

No Estágio 2, trabalhei mais uma vez com a questão de identidade, proporcionando aos alunos uma discussão crítica sobre a representabilidade e invisibilidade da negritude na nossa sociedade.

Essas experiências me levaram ao diálogo e entendimento do que Tardif (2014) chama de saber plural. O autor nos mostra que o saber é multidimensional, ou seja, ele se incorpora a elementos da identidade pessoal e profissional, facilitando a relação com os envolvidos no ambiente de formação. Para ele diferentes tipos de saberes estão implicados na atividade docente.

Participar dos cursos de formação ofertados pelo NEIMFA, através da Casa da Criatividade, e de diversos congressos acadêmicos, pouco a pouco, permitiu uma (re)descoberta de mim mesma, alimentou o desejo de ir mais além e em busca de outros espaços de formação como o curso superior de Artes Visuais – Licenciatura. Foi a experiência vivida no Curso que

ampliou o processo formativo, que não se encerra, e possibilitou a dilatação da reflexão sobre a própria história e percurso, pois nele pude mergulhar nas memórias e identificar o fio condutor de formação pessoal e profissional.

Notas

¹ É uma instituição não governamental intitulada Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA). Foi criada com base na parceria entre moradores da comunidade do Coque e um grupo de jovens da Federação Espírita Pernambucana, em 26 de setembro de 1986. Fundado juridicamente em 26 de setembro de 1994, com foro na cidade do Recife, Estado de Pernambuco, e sede atual à Rua Jacaraú, nº 31, bairro do Coque, Recife-PE.

² Núcleo de Arte e Comunicação – NAC faz parte do Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis – NEIMFA localizado na comunidade do Coque.

Referências

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Livia Marques. **O ensino de artes em ONGs: tecendo a reconstrução pessoal e social**. 2005. 143f. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CASTAÑEDA, José Antonio Serrano; MORALES, Juan Mario Ramos. Narrar a vida: deliberações no campo biográfico. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E.C. (Org) **Pesquisa Narrativas: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017 cap. III, p. 75 – 97.

FERREIRA, Francisco Ludermir. **Dos alagados à especulação imobiliária: fragmentos da luta pela terra na comunidade do Coque**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Emília Patrícia de. **A Formação do Arte/educador que atua com o Ensino de Arte na Educação não Formal: um estudo a partir de duas organizações do Terceiro Setor localizadas na Região Metropolitana do Recife**. 2011. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife – PE, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E.C. (Org) **Pesquisa Narrativas: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

SILVA, Everson Melquíades Araújo **A experiência de ser e tornar-se arte/educador: Um estudo sobre História de Vida, Formação e Identidade.** Jaboatão dos Guararapes – PE: SESC, 2015.

SOUZA, E. C.; MEIRELES M. M. Fotobiografia e Entrevista Narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E.C. (Org) **Pesquisa Narrativa: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. cap. V, p. 125 – 141.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** Petrópolis: Vozes, 2014. 16 ed.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: ARANTES, Valéria Amorim (org). **Educação formal e não-formal: pontos e contra pontos.** São Paulo: Summus, 2008. Parte I, p. 15 – 58.

Auvaneide Ferreira de Carvalho

Professora do Ensino Fundamental da Rede Particular de Paulista; Graduada no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (2019). Atua como arte/educadora no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis e na Escolinha de Arte do Recife.

Contato: auvaneide@hotmail.com.

Maria Betânia e Silva

Doutorado em Educação pela UFMG. Mestrado em Educação pela UFPE. Graduação em Artes Plásticas pela UFPE. Graduação, em curso, em Filosofia pela UFPE. Professora da Graduação e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Contato: maria.bsilva2@ufpe.br